

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012

A RELAÇÃO ENTRE GÊNERO E TECNOLOGIA: NOVO CENÁRIO PRODUTIVO E SUAS DIFICULDADES

João Samarone Alves de Lima¹

Maria do Socorro Ferreira dos Santos²

EIXO TEMÁTICO: Tecnologia, Mídias e Educação.

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados alcançados com o desenvolvimento de uma pesquisa que teve como objetivo discutir as relações entre gênero, trabalho e tecnologia a partir da identificação das dificuldades das alunas durante e depois do curso técnico em informática do IFPE, Campus Belo Jardim. A pesquisa foi exploratória tendo como instrumento de investigação o questionário. O resultado apontou que uma grande aceitação do curso, por parte das alunas, se dá a partir da sua preparação para um mercado de trabalho de alto valor econômico, social e profissional.

Palavras chave: Tecnologia da Informação, Gênero e Educação Profissional.

ABSTRACT

This paper presents the results obtained by the development of a research that aimed at discussing the relationship between gender, labor and technology from the identification of female students' difficulties during and after the IT course at IFPE, Belo Jardim Campus. The research used a questionnaire as a methodological tool. The result showed a wide acceptance on the part of the female students who are prepared for a job market high in economic, social and professional value.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC), Mestre em Ciência da Computação (UFPE) - samaronel@hotmail.com.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC), Mestra em Letras (UFAL) - socorrofsantos@yahoo.com.br.

Keywords: Information Technology, Gender and Professional Education.

1. INTRODUÇÃO

Na última década percebemos grandes mudanças no Brasil e no mundo nas áreas econômicas, sociais e políticas. Observamos ainda o avanço acelerado envolvendo o setor da tecnologia influenciando decisivamente nas formas de gestão da produção e do trabalho.

Diante de um novo cenário apresentando pela modernidade e das novas exigências do mercado surge cada vez mais a necessidade do estudo das relações entre a tríade: gênero, trabalho e tecnologia. Segundo Araújo (2005, p.91)

A categoria gênero permitiu pensar as novas questões que passam a preocupar os sociólogos do trabalho: as metamorfoses do mundo do trabalho, as novas identidades dos trabalhadores, a questão da subjetividade, as mudanças nas formas de gestão da força de trabalho nas empresas e nas políticas sociais e suas conseqüências diferenciadas para homens e mulheres.

Buscando compreender essas novas questões e as novas identidades que se apresentam nesse universo, é que este artigo tem como objetivo discutir as relações entre gênero, trabalho e tecnologia a partir da identificação das dificuldades das alunas durante o curso técnico em informática no interior pernambucano durante sua formação. Curso este considerado eminentemente masculino.

Nosso artigo está dividido em seis partes. Inicialmente apresentaremos uma discussão teórica sobre a relação entre gênero e trabalho para em seguida discutirmos essa relação com a tecnologia e seus avanços. Num terceiro momento, apresentaremos a realidade do curso no Instituto Federal de Pernambuco, especialmente no interior, além de apresentarmos a metodologia utilizada na pesquisa. Por fim, apresentaremos os resultados e as considerações finais.

2. GENERO E TRABALHO

A discussão sobre gênero e trabalho surgiu desde os anos 70 inicialmente no campo das Ciências Sociais, mas se intensificou nos anos 90 ganhando grande visibilidade em outras áreas do conhecimento, como Antropologia, História, Psicologia, entre outras.

Segundo Marcondes et al (2003, p. 92) a expansão das pesquisas envolvendo essa problemática está

longe de cristalizar as relações entre os sexos, conferindo-lhe um caráter da ordem da natureza e da imutabilidade, inscreve a divisão sexual do trabalho radicalmente na ordem do social, uma vez que em seu centro estão a hierarquia e o valor. É importante ressaltar que esses elementos são frutos de relações sociais, uma vez que são elas que constroem e compartilham sentidos e significados sobre o mundo, e não o contrário – como poderiam postular abordagens deterministas e essencialistas.

Nesse sentido, importante destacar a grande contribuição do feminismo com suas críticas a visão biologizante que envolvia o discurso quando se apresentava a naturalização do lugar da mulher como sendo inferiorizada. Muito já se avançou quando foi colocado em cheque esse discurso determinista, passando a ganhar evidência as relações sociais e a importância do papel da mulher nas transformações sociais e em consequência no mercado de trabalho.

Segundo Araújo (2005, p.91) as mudanças ocorridas na dinâmica do mercado e no mundo do trabalho ampliaram a demanda de pesquisas relativas às relações entre gênero e trabalho, exigindo dos setores produtivos a criação de novos postos de trabalho, de novas atividades. Para a autora, essas mudanças

são decorrentes do crescimento do desemprego, do desaparecimento de ocupações e surgimento de novos setores e novas ocupações, bem como o aparecimento de relações de emprego atípicas (trabalho parcial, informal, temporário) e, principalmente, a crescente participação da mulher no emprego extra-doméstico.

Esse novo cenário produtivo envolve todos os seguimentos sociais, mas destacamos aqui, as transformações e as novas exigências do mercado envolvendo a área da tecnologia de informação e comunicação, necessitando assim o aprofundamento de estudos nesse setor.

3. GÊNERO E TECNOLOGIA

Durante muito tempo os contextos laboratoriais das tecnologias da informação (TI) foram hegemonicamente ocupados quase que exclusivamente por homens. Mas desde os primórdios da computação registra-se a presença feminina, como por exemplo, da condessa de Lovelace a Sra. Ada Augusta Byron King. Nos anos de 1842 a condessa desenvolveu um

algoritmo para cálculos sequenciais para ser utilizado em uma das máquinas mais avançadas do seu tempo, a máquina analítica, conforme figura 1, de Charles Babbage³ que adotava conceitos de um computador programável. Esse feito da condessa lhe rendeu o reconhecimento de ser a primeira pessoa - uma mulher - a escrever um programa computacional na história da humanidade. Em sua homenagem em 1980 o departamento de defesa dos EUA registrou uma linguagem de programação estruturada com o seu nome - a linguagem Ada (FERRARI, 2012).

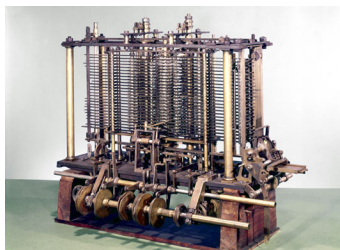


Figura 1: réplica da Máquina Diferencial criada por Charles Babbage.
Fonte: Ferrari (2012)

Entretanto, o legado feminino foi deixado de lado ao longo do tempo sócio-histórico, e o que se viu ser instalado na indústria da TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) foi uma predominância masculina, na qual eles ocupam a maioria dos cargos importantes, quando elas apenas figuram em menor número e atuando em funções subalternas. Em conexão com essa visão sobre gênero e tecnologia, por exemplo, Hubbard afirma:

A tecnologia é parte de nossa cultura; e, claro, nossa cultura, que é dominada pelos homens, tem desenvolvido tecnologias que reforçam a supremacia masculina. Isto pode ser mudado pelo fato das mulheres tornarem-se mais envolvidas com a tecnologia, não somente como usuárias, mas também como inventoras, produtoras e técnicas? Somente na extensão em que ganhamos controle do design e dos frutos do nosso trabalho. Mas esta é uma agenda revolucionária (HUBBARD *apud* ROCHA, 2006, p. 29).

Explorando esse tema, denominado por Haraway *apud* Rocha (2006, p.37) como tecnociência, não pode haver separação entre “ciência e tecnologia tanto quanto entre natureza e sociedade, sujeitos e objetos, natural e artificial que estruturaram o tempo imaginário chamado modernidade”. O estudo das novas tecnologias integram diversos temas da tecnociência na contemporaneidade que estão engendrados por relações desiguais e estereotipadas de gênero, raça entre outros. Rocha (2006, p. 37-38) apresenta de forma clara e objetiva que temas são esses e a que estão vinculados, como por exemplo: “necessidades militares, processos democráticos, investigações acadêmicas, desenvolvimento do comércio e

da economia, acesso ao conhecimento e ao aprendizado, processos de padronização e globalização, além de saúde”.

No pouco que foi dito acima, poder-se-ai inferir a motivação que envolveu a pesquisa de Rocha (2006) em relação às tendências inovadoras e ambiguidades dos espaços laboratoriais da TIC. Quando se refere a essa questão específica a autora constata que o momento presente é configurado por situações discriminatórias e preconceituosas em relação ao gênero, fundamentalmente, porque o ambiente, como foi exposto antes, sempre existiu a hegemonia das funções sempre ocupadas por homens. Entretanto, a autora afirma que esse cenário começa a sofrer mudança, que apesar de sensíveis e não ser consideradas por alguns, são alterações de grande importância sociocultural, e em suas palavras “sinaliza uma ‘tendência do novo’ a se configurar e talvez a se consolidar com o decorrer do tempo” (ROCHA, 2006, p.147), confirmando, em seu entendimento, que as mulheres estariam assim rompendo o “teto de vidro”, ilustrado aqui na figura 2.



Figura 2: o enigma do teto de vidro.
Fonte: Rocha (2006, p. 102)

A nova tendência a qual está se referindo Rocha (2006), é a imersão cada vez mais das mulheres nos setores que exige o conhecimento das ciências exatas, como é o caso das tecnociência. O jargão “teto de vidro” bastante representativo e conhecido nos estudos de gênero, assim descrito pela autora:

Diz respeito àqueles postos-chave na hierarquia superior das empresas e instituições, considerados como ainda não ultrapassáveis e inatingíveis pelas mulheres. Não tem a ver com falta de habilidade e capacidade das mulheres, mas com o simples fato de que são mulheres. [...] Por “teto de vidro” queremos significar as barreiras artificiais invisíveis que bloqueiam as mulheres aos cargos executivos ‘seniors’ (ROCHA, 2006, p. 102).

Neste ponto é possível examinar na pesquisa da autora que o fenômeno está ocorrendo quando é observado, nos números apresentados, que $\frac{1}{3}$ dos funcionários ou sócios das

empresas e incubadoras de base tecnológica estão sendo ocupados por mulheres. É possível também detectar que as funções de níveis superiores da hierarquia gerencial vindo sendo compartilhado com elas, o que significa que estão sendo forjadas novas relações de gênero no âmbito do trabalho. Entretanto, verifica-se que nem tudo são flores, porque ainda insiste em permanecer situações discriminatórias e preconceituosas em relação ao trabalho desenvolvido por mulheres na área de TIC, o que afeta diretamente a decisão de contratação profissional, é o que pode ser observado no relato da informante Juliana:

A área de redes era o que mais direcionava para a parte de engenharia, por envolver hardware e softwares (tudo ao mesmo tempo). Nessa área, o mercado não quer meninas. Quando se vai fazer uma entrevista e eles olham para o seu currículo e dizem: “Você está fazendo especialização, você fez curso técnico, de engenharia. Falta curso de Windows”. Eu retruco: “Mas, curso de Windows? (entonação indignada na voz alterada, mais alta da entrevistada). Ah, então, eu faço o curso. Mas eles retrucam: “Não, mas você não vai dar conta, você está trabalhando, você está fazendo curso por fora”. Ou você chega, e eles dizem: “Nossa, teu currículo é muito bom, mas não é o que a gente está querendo. Teve um caso em que eu concorri com um menino. Fizemos estágio no mesmo lugar. Eu já tinha curso técnico, de engenharia, de Inglês, e fazia especialização. Ele só tinha curso de engenharia. Mas o grupo era formado só por homens e eles falaram que uma menina no meio do grupo ia provocar uma situação chata. Então, ele foi escolhido não pela capacidade, mas foi escolhido por ser menino e não atrapalhar o andamento do grupo. [Isso] foi no laboratório de instituição universitária particular do Paraná. Foi o que me chocou mais, porque foi assim... na cara. E a equipe continua só de homens (ROCHA, 2006, p. 185-186).

Assim, diante de tudo que foi dito aqui, é possível constatar que a tecnologia da contemporaneidade vem corroborando para minimizar as ambiguidades presentes nas relações de gênero e trabalho nos contextos dos laboratórios de TIC, pelo menos, é o que se observa no recorte da pesquisa que foi realizada no sul e sudeste do Brasil. E essa percepção vai em sentido contrário ao que foi dito por Menasche (2004) ao afirmar que na medida em que as atividades se tornam mais técnicas, ou seja, com o uso de novas tecnologias e novas formas de trabalho, ocorre a exclusão das mulheres daquele ambiente de trabalho.

4. CONHECENDO O CURSO TÉCNICO EM INFORMATICA NO IFPE

O curso Técnico em Informática para Internet do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE – Campus Belo Jardim foi criado no ano de 2000, quando ainda denominava-se Escola Agrotécnica Federal de Belo Jardim. O curso originou-se da necessidade de atualização e adequação da sua estrutura e funcionamento de

forma a fazer face aos novos desafios impostos pelo mundo do trabalho, pelos avanços tecnológicos e por outras demandas contemporâneas.

Neste sentido, a estrutura do curso proposto visa propiciar o desenvolvimento de competências técnicas, cognitivas e sociais que viabilizem a formação de profissionais para as empresas locais e regionais, dentro de uma visão empreendedora, correspondendo às reais necessidades de profissionalização na área.

Em termos de Educação Profissional o mercado de trabalho para o Técnico em Informática para Internet, é o que mais cresce, trazendo em seu bojo elementos de um grande avanço tecnológico na área, propiciando práticas criativas, abrindo espaços para aliar, na formulação dos currículos, constituição humanística com perfil Ético essencial nos dias atuais, atrelando a isso uma formação tecnológica atualizada que além de formar profissionais tecnicamente competentes, faz com que desenvolvam habilidades para a realização em seu trabalho voltado de forma concreta para a cidadania (IFPE, 2012).

5. METODOLOGIA

A presente pesquisa consiste em um estudo exploratório e descritivo de abordagem quantitativa e qualitativa, teve com o objetivo de discutir as relações entre gênero e tecnologia a partir da identificação das dificuldades das alunas durante o curso técnico em informática do IFPE, Campus Belo Jardim.

O universo da pesquisa foi constituído por discentes e egressos do sexo feminino do curso mencionado em duas modalidades: ensino técnico integrado com o ensino médio e ensino subsequente. O primeiro é formado em sua maioria por alunas menores de idade, enquanto que outro é formado por alunas adultas. Os dados da pesquisa foram obtidos através de um questionário disponibilizado eletronicamente para que as alunas no ambiente escolar e fora dele pudessem participar. Foram enviados no total 57 (cinquenta e sete) questionários, dos quais 31 foram respondidos num período 30 (trinta) dias.

O volume representativo de mulheres que foram convidadas a responder o questionário corresponde a 19% do total de discentes e egressos para o período pesquisado que foi relativo aos anos de 2008 a 2012.

Para colaborar na interpretação das informações foi utilizado o processo de categorização dos dados, que exige do pesquisador muita atenção para codificar, ordenar e

revisar rigorosamente a classificação das categorias. Segundo Minayo (2006), para realizar a interpretação do material coletado na pesquisa é necessário construir categorias analíticas capazes de desvendar as relações mais abstratas e mediadoras para a parte contextual e de categorias empíricas, para expressar relações e representações do grupo em questão. Bardin (1977, p. 117) define o processo de construção de categorias de análises como:

Uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso de análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos.

6. RESULTADOS

O questionário da nossa pesquisa foi dividido em duas partes. Na primeira, com questões objetivas e subjetivas onde foi feita uma identificação das participantes por idade e se está trabalhando na área da informática, suas percepções sobre a escolha do curso e suas principais dificuldades nessa área de atuação ainda considerada como eminentemente masculina. Na segunda parte, as questões eram voltadas apenas para alunas egressas, com o intuito de conhecermos suas realidades profissionais depois da conclusão do curso.

6.1 PRIMEIRA PARTE: Identificação, Motivações, Mercado de Trabalho, Dificuldades e Contribuições.

➤ Identificação

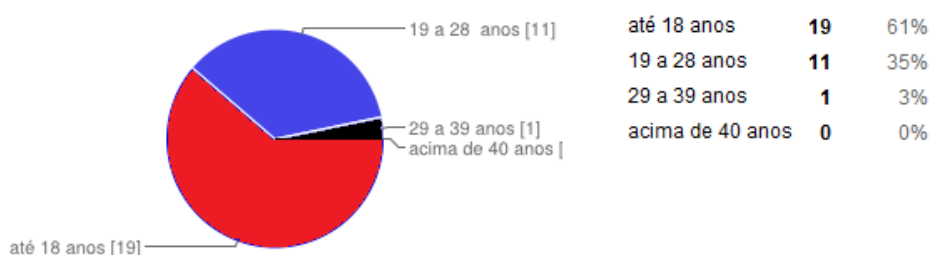


Figura 3: estatística de alunas e faixa etária.

Fonte: os autores.

Quando é observado a figura 3 percebe-se que as participantes em sua maioria são menores de 18 anos, isso é justificado em parte pela modalidade dos cursos oferecidos. O curso técnico em informático é oferecido na modalidade do ensino médio integrado com o técnico, ou seja, alunos que cursam do 1º ao 3º ano do ensino médio. Neste caso são jovens

que estão concluindo sua formação básica. As demais participantes da pesquisa são alunas adultas que já concluíram o ensino médio e buscam na educação tecnologia uma formação profissional consistente para enfrentar um mercado de trabalho competitivo.

➤ **Você trabalha na área de Tecnologia da Informação?**

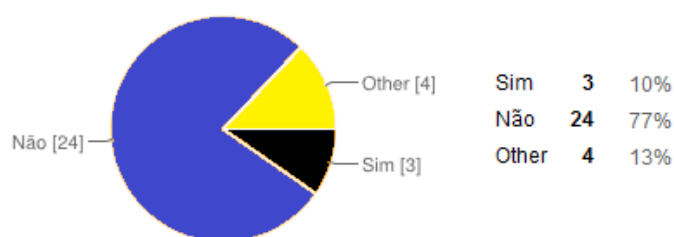


Figura 4: estatística de alunas e trabalho.

Fonte: os autores.

Das mulheres participantes da pesquisa 77% não trabalham na área de informática e, por serem jovens, buscam uma realização profissional através da educação profissional. Uma minoria já trabalha, mas isso não pode ser entendido a princípio como algo negativo, na verdade trata-se de um avanço encontrar meninas trabalhando com “técnicas em informática”, uma função sempre marcada pela presença masculinha. A falta de mulheres nessa área foi constatada por Rocha (2006, p. 92) que reclama “a necessidade de uma maior atenção por parte dos/as envolvidos/as nos processos de implantação de políticas públicas para favorecer a inserção das mulheres no mercado de trabalho” das tecnociências.

Quadro 1: Motivações para cursar TIC

CATEGORIA 1	UNIDADES DE ANÁLISE
Decisão de estudar no curso Técnico em Informática	<ol style="list-style-type: none"> 1. Gostar muito de tecnologia, computadores e de cálculos ligados a essa área e a geral (matemática, química e física). Porque me identifico bastante com a área. Porque sempre gostei de lidar com Ciências Exatas e também para adquirir conhecimentos na área de Informática 2. Porque queria algo além do ensino médio e o curso que mais me identifiquei foi informática. 3. Por acreditar que com o curso terei um campo profissional amplo. Porque um curso técnico é muito bom, saindo de uma escola normal, não terei a oportunidade que irei ter fazendo um nível técnico. 4. Porque é algo que hoje cada vez mais é requisitado e porque é o que mais me identifico. É o mercado que mais cresce e evoluir a cada dia. Pelo importância que a informática exerce sobre quase todas as relações no mundo contemporânea, das mais básicas até as mais complexas.

	<ol style="list-style-type: none"> 5. Porque gosto de desafios, gosto dessa área. 6. De início por curiosidade e depois fiquei porque gostei da área.
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Foram elaboradas questões para facilitar a expressão das participantes com relação a percepção e sentimentos relacionadas ao curso. Nelas percebemos suas motivações, contribuições para sua formação e especialmente suas dificuldades nessa área de atuação, no quadro 1 é possível identificar nas unidades de análise os que pensam as participantes da pesquisa.

Questionadas sobre suas motivações as mulheres, tanto em formação como egressas responderam que seria uma grande oportunidade de ingressar no mercado, enfatizando o avanço da tecnologia e da necessidade de mão de obra qualificada. É possível observar que o interesse delas pela área das ciências exatas tem motivado-as para trabalhar com as tecnologias da informação e comunicação, observando que existem excelentes oportunidades de trabalho e uma carreira promissora. A visão do mercado de trabalho é um ponto importante, mostrando que as meninas continuam dispostas a se inserir cada vez mais em outros ramos de atividades profissionais.

O desafio em enfrentar algo novo e a curiosidade também ter sido um combustível que acaba levando algumas meninas a escolherem o curso de TIC e no final acabam gostando, vislumbrando a ideia de seguir com os estudos universitários na mesma área, e fazer carreira profissional. Segundo Rocha (2006) o que tem levado as mulheres a escolherem as funções tecnológicas são as excelentes oportunidades existentes no mercado e a possibilidade de assumir funções muito mais rápidas que em outras áreas.

➤ Principais dificuldades

Quadro 2: Dificuldades para cursar TIC

CATEGORIA 2	UNIDADES DE ANÁLISE
Conhecimento técnico especializado	<ol style="list-style-type: none"> 1. Não tinha muito conhecimento na área por isso há uma certa dificuldade, cada explicação muitas vezes envolvem "palavras" desconhecidas pra mim. 2. Muitas informações ao mesmo tempo. 3. As matérias de desenvolvimento como Lógica I e II; Programação I e II, curso em si, é bastante complicado; A disciplina de programação, a falta de identificação com a maioria das disciplinas e a sequência das disciplinas no decorrer do curso (as melhores no final). 4. A indecisão em saber se é isso ou não que eu quero para a minha vida, já que essa

	<p>indecisão me fazia, por vezes, ficar insegura e não me dedicar mais ao curso.</p> <p>5. Acompanhar os alunos que já tinham um conhecimento "básico" nas matérias de Programação; Acompanhar o ritmo de outros alunos que tem mais conhecimento na área.</p> <p>6. Não encontrei dificuldade nas disciplinas, existem aquelas (Programação, Redes) que são mais ""trabalhosas"" (ou seja, exigem esforços maiores por parte do aluno) e isso com o incentivo do professor pode ser melhorado.</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quando questionadas sobre as principais dificuldades encontradas no curso, as pesquisandas apontam duas categorias essenciais para nossa análise: a necessidade de adaptação a conceitos técnicos e específicos da área de informática, e que muitas vezes, consideradas como sendo "informática área de homem", como afirma uma das participantes. É possível observar que algumas disciplinas do curso são apontadas por várias alunas como conteúdos de difícil aprendizado e que até certo ponto disestimulam ou colocam em dúvida o interesse pela área. No quadro 2 é possível observar essas constatações.

A terceira categoria apresentada no quadro 3, traz as dificuldades com a própria rotina educacional, incluindo sua relação com a escola e com seus professores. Algumas alunas em regime de internato relatam que a falta de apoio social por parte da instituição gera maior dificuldade para o aprendizado de um curso que, segundo elas mesmas, exige muita leitura e um grande esforço para acompanhar outros alunos com maior conhecimento e que não tem compromisso em socializar conhecimentos. Soma-se também a toda essa problemática de relações, o processo pedagógico adotado por parte dos professores que utilizam uma linguagem difícil para o processo de ensino e outros ainda demonstram descaso com o ensino.

Quadro 3: Relações na comunidade escolar

CATEGORIA 3	UNIDADES DE ANÁLISE
Relações com a escola e com professores	<ol style="list-style-type: none"> 1. A distância entre minha casa e escola; Falta de apoio social; Problemas pessoais na família. 2. Os demais alunos tem mais conhecimento; A falta de colaboração e interesse por parte da turma. 3. A linguagem que os professores usam; Modo como o professor dá aula; Alguns professores somente enrolam; Poucas práticas 4. Muita leitura; Não diria exatamente com o curso de Informática, mas sim com os turnos, por ser comcomitante(na época) tornava-se exaustivo, diminuindo o rendimento de aprendizagem do aluno durante a tarde (horário do curso); Adaptação com o horário 5. Falta de estrutura no prédio; As vezes os equipamentos estavam com defeitos ou

não dá para todo mundo.

➤ Principais contribuições

Quando questionadas sobre as principais contribuições que o curso oferece para sua formação, 100% das participantes destacam a oportunidade de ingressar no mercado de trabalho com uma excelente qualificação e especialmente, ser este seu diferencial. Como afirmam várias delas, ser uma mulher que atenda a necessidade de um conhecimento especializado e que goste acima de tudo de tecnologia. Outras demonstram que o conhecimento adquirido ajudaria em qualquer decisão quanto a sua formação superior e que a tecnologia está em todas as áreas do conhecimento.

Quadro 4: Contribuição para o mercado de trabalho

CATEGORIA 4	UNIDADES DE ANÁLISE
Contribuições à profissionalização e ao mercado de trabalho	<ol style="list-style-type: none">1. Base para a profissão que eu quero seguir no futuro que é nessa área. E além disso também é um prazer que tenho em "mexer" com computadores e tecnologia enfim eu gosto muito desse tipo de ciência e está sendo muito bom.2. Em primeiro lugar, o conhecimento, aprendi muita coisa e isso já me destaca dos demais jovens que estão se formando.3. Se eu precisar de um emprego fica mais fácil depois de um curso desse. E por último, informática já é uma opção de curso na faculdade, agora que conheci a área.4. Maiores oportunidades profissional; Hoje em dia, em qualquer lugar, as empresas pedem pessoas que conheçam informática e com esse curso é certo que eu vou encontrar um local no mercado de trabalho; Melhor qualificação para o mercado de trabalho.5. A partir do curso, tive a oportunidade de decidir se quero ou não ingressar (cursando o superior) na área, o que antes era muito mais complicado.6. Para muitas áreas que pretendo atuar, o curso é um fator indispensável.7. Pelo método de ensino dos demais professores ganhamos maturidade e conhecimento de como lidar no mercado de trabalho diante das dificuldades.8. Poderei trabalhar na área e ganhar meu próprio dinheiro enquanto não concluo um ensino superior.9. Com o curso pude aprender o que é buscar e conquistar os meus objetivos. Cada aula era um desafio enfrentado e que por fim conquistado. Com os professores pude ver que a paciência também é um dos pontos fundamentais para o nosso dia-a-dia e colocar em prática no ambiente de trabalho.10. Ter respeito.

No contexto dos relatos dessa categoria é interessante observar aqui, a descrição de sua auto-percepção quando uma aluna aponta ter consciência deste diferencial, ou seja, o curso

me mostrou que não deve haver preconceito também na área de trabalho. Quando entrei no curso que vi 37 homens e só eu de mulher presente. Nossa... Ainda hoje

meu esposo não sabe disso... rsrs. Mas hoje vejo que os anos que passei com esses homens foram ótimos! Moram no meu coração!

6.2 SEGUNDA PARTE: Alunas Egressas

Na última parte do questionário aplicado, realizamos questões específicas para as alunas egressas do curso, com o objetivo de saber se essas mulheres estavam no mercado na área técnica de formação. A seguir a discussão acerca destes dados.

As alunas egressas que responderam afirmativamente que estavam trabalhando na área descreveram seus sentimentos quando questionadas sobre seu lugar profissional. As atividades que realizam estão relacionadas a: Suporte de hardware Suporte de rede e Desenvolvimento Web. Afirmam que não se importam por trabalhar em locais com colegas homens em sua maioria e que as mulheres “também” tem capacidade.

Não me importo, meu sexo não influencia na qualidade do meu trabalho. Homens são mais fáceis de lidar

Bom, os homens são mais confiáveis e menos competitivos, também são mais fácil de lidar em comparação as mulheres.

Agora já me acostumei! As mulheres estão mostrando que também tem capacidade!

Quando falam das suas dificuldades destacam a falta de oportunidade de emprego no local onde reside e que é bastante difícil colocar em pratico tudo que aprendeu na sala de aula. Mas destacam como facilidades a abrangência de atividades que podem ser realizadas na área e que ajudou a melhorar seu raciocínio logico.

As alunas egressas que não estão trabalhando na área, afirmam que os motivos são vários desde a “Falta de Incentivo e Oportunidade” a descoberta de “não gostar da área”, “ por ser uma área estressante e que requer muita dedicação”. Mas apontam que o fato de serem mulheres influencia, pois quando há uma seleção “por sermos mulheres somos colocadas de lado até sofrendo preconceito”. Outra egressa afirma que o preconceito vem de onde menos se espera de outra mulher:

Ainda existe um certo preconceito quando vêem mulheres na área, um aentrevista da qual participei, fui hostilizada pela psicóloga que ao me ver bem vestida, e com unhas bonitas, imediatamente falou que eu não serviria para o cargo porque eu iria ter nojo de ficar debaixo de fios empoeirados, achei a atitude muito baixa, principalmente para alguém que estudou (ou diz que estudou) tanto o comportamento humano.

Falta de Oportunidade para mostrar os nossos potências, pois não é o sexo que define o profissional.

Nesta perspectiva, percebemos que mesmo se avançando nas questões relativas a relação entre tecnologia e gênero, ainda há muito o que fazer, pois como ela mesmo afirma “não é o sexo que define o profissional”. Como afirma Araújo (2005, p. 95-96):

sob o signo de uma necessária e crescente interdisciplinaridade os estudos do gênero e trabalho, além de impulsionar uma significativa ampliação temática, promoveram uma inflexão metodológica que não pode ser mais desconsiderada no vasto campo de investigações dos universos do trabalho, hoje continuamente desordenados e revolvidos pela velocidade das transformações.

7. CONCLUSÕES

Considerando a tríade gênero, trabalho e tecnologia numa perspectiva interdisciplinar, compreendemos que as mudanças no mundo do trabalho a partir dessa perspectiva vem permitindo dar uma maior visibilidade as mulheres em lugares que eram consideradas eminentemente masculinos. Importante destacar que homens e mulheres produzem sua condição humana pelo trabalho e que para muitos, a educação profissional implica num fim de uma caminhada educacional e, um começo de uma nova vida.

Sendo assim, é importante pensarmos que a escola precisa estar preparada para novas discussões sobre os grandes desafios impulsionados pelas transformações tecnológicas e pela diversidade de gênero encontrada hoje na dinâmica educacional.

Este é apenas um estudo inicial, poderemos ampliar possibilidades de pesquisas envolvendo essa temática, pois a relação entre gênero, trabalho e tecnologia exige uma nova postura dos profissionais voltados para essa realidade, uma vez que o processo de ensino, aprendizagem e a construção do conhecimento dessas alunas que chegam aos Institutos Federais com diferentes expectativas, veem a possibilidade de estarem ativas no mercado de trabalho e buscam minimizar os conflitos de numa sociedade que ainda se apresenta tão injusta e preconceituosa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Angela Maria Carneiro **Gênero nos estudos do trabalho** (Para relembrar Elizabeth de Souza Lobo), 2005. Gênero nas fronteiras do sul, 2005: pp.85-96 <http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/colenc.02.a07.pdf>.

ARCONDES, Willer Baumgartem, *et al* **O peso do trabalho “leve”**: feminino à saúde. São Paulo em Perspectiva, 17(2): 91-101, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977. 225 p. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro.

FERRARI, Sara. **Ada Lovelace**: Condessa britânica do século 19 e primeira programadora da história. Disponível em: <<<http://henrique.geek.com.br/posts/19087-ada-lovelace-condessa-de-londres-do-seculo-19-foi-a-primeira-programadora-da-historia>>>. Acesso em: 8 mar. 2012.

IFPE, Instituto Federal de Pernambuco - campus Belo Jardim. **Cursos técnicos**. Disponível em: <<http://www.belojardim.ifpe.edu.br/index.php?grp=15&pag=36>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

MENASCHE, Renata. **Capinar**: Verbo Conjugado no Feminino? Notas de Pesquisa sobre Gênero e Percepções de Risco na Agricultura Familiar. Mneme – Revista Virtual de Humanidades, n. 11, v. 5, jul./set.2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2006. 406 p.

PAULILO, Maria Ignez. **O peso do trabalho leve**. Ciência Hoje, n. 28, 1987. <http://naf.ufsc.br/files/2010/09/OPesodoTrabalhoLeve.pdf>

ROCHA, Cristina Tavares da Costa. **Gênero em ação**: Rompendo o Teto de Vidro? (Novos Contextos da Tecnociência). 2006. 244 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2006.

³ Cientista, matemático, filósofo, engenheiro mecânico e inventor inglês nascido em 1791 em Teignmouth (http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Babbage - acesso em 08 de março 2012)